

PRIMEIROS PASSOS

O futebol nos tempos do Condor: ditadura militar, cinema e o futebol brasileiro (1964-1985)

Football in Condor times: military dictatorship, cinema and Brazilian football (1964-1985)

Maria Fernanda Martinez Alves

Graduanda em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Cássio Alan Abreu Albernaz

Doutor em História

Professor da Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Resumo

Este artigo investiga a memória histórica a partir da apropriação do futebol como um projeto da ditadura militar brasileira (1964-1985) para propagandear ideologicamente o regime, por meio de fontes do audiovisual e da historiografia. Para tanto, foi analisada a minissérie *Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor* (2012), ressaltando o episódio 4, sobre o Brasil. Nesse sentido, a metodologia é embasada no que concerne a relação entre Cinema, História e Cultura e consiste em explorar a memória histórica reproduzida no documentário contrastando com a historiografia consolidada sobre o tema. Logo, percebe-se como o regime militar utilizou o futebol como mecanismo de propaganda, a fim de controlar a paixão dos brasileiros pelo esporte, mostrando também, em contrapartida, o uso do esporte como mecanismo de resistência dentro e fora dos campos.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Futebol Brasileiro; Memórias do Chumbo.

Abstract

This article investigates the historical memory from the appropriation of football as a project of the Brazilian military dictatorship (1964-1985) to ideologically propagandize the regime, through audiovisual and historiography sources. To this end, the miniseries *Memories of Lead: Soccer in the Times of the Condor* (2012) was analyzed, highlighting episode 4, about Brazil. In this regard, the methodology is based on the intersection between Cinema, History and Culture and consists of exploring the historical memory reproduced in the documentary contrasting with the consolidated historiography on the topic. Therefore, it is clear how the military regime used football as a propaganda mechanism, in order to control Brazilians' passion for sport, also showing, on the other hand, the use of sport as a resistance mechanism on and off the field.

Keywords: Military Dictatorship; Brazilian Football; Memories of Lead.

Introdução

A apropriação do futebol ocorreu como um projeto da ditadura militar no Brasil para propagandear ideologicamente a favor do regime durante os períodos de 1964 a 1985. Essa é a memória histórica (re)construída no documentário *Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor* (2012), durante o episódio 4 sobre o Brasil. A minissérie trata-se de um trabalho audiovisual que detalha as relações entre o futebol e a ditadura na Argentina, Chile, Uruguai e Brasil; foi lançada no ano de 2012, com reportagem, roteiro e produção de Lúcio de Castro, e distribuída pela ESPN. Em complementação e contraste, é importante ressaltar a historiografia especializada produzida por Karoline Soria Ribeiro (2014), Marco Antonio Bettine de Almeida (2014), Hugo Leonardo Silva dos Santos (2015), Livia Gonçalves Magalhães (2010), além do livro organizado por Flávio de Campos e Daniela Alfonsi (2014), nas quais percebe-se como o regime militar utilizou o futebol como mecanismo de propaganda, a fim de controlar a paixão dos brasileiros pelo esporte, mostrando também, em contrapartida, o uso do esporte como mecanismo de resistência dentro e fora dos campos.

O auge das relações entre futebol e ditadura, como mostra o documentário e a historiografia especializada, aconteceu na Copa do Mundo de 1970 no México, onde era notório um ambiente de crise, tensão, manipulação e a presença do projeto da ditadura para transformar o Brasil em uma potência. O tricampeonato mundial de futebol conquistado pela seleção em 1970 impactou de tal maneira o imaginário brasileiro que, na memória social, auras mágicas e criativas dos atletas estiveram a serviço da nação, consolidando, então, o discurso do Brasil como “o país do futebol”. Nesse sentido, a apropriação do futebol ocorreu como um projeto específico do Estado para propagandear ideologicamente a favor do regime ditatorial, mas também apareceu nos momentos de manifestações populares contrárias ao regime, servindo para demonstrar sentimentos impedidos pelo sistema repressivo instalado no país. Para tanto, o audiovisual estudado evidencia que o desenvolvimento do futebol no Brasil, durante o período militar, aconteceu para ocupar o tempo livre dos indivíduos e transmitir uma pseudoneutralidade para a sociedade, além de trazer o futebol como um dos instrumentos de legitimação da ditadura, por meio da associação da imagem do líder às vitórias no campo esportivo, que aconteceu principalmente com a Copa do Mundo de 1970, na qual o Governo Médici (1969-1974) capitalizou politicamente a vitória da seleção no campeonato mundial deste ano.

A fim de entender melhor o contexto da Copa do Mundo de 1970 - período mais frisado durante a análise -, deve-se levar em consideração as políticas implementadas por Emílio Garrastazu Médici e

o Milagre Econômico. Essa foi uma fase de efêmero e eufórico crescimento econômico experimentado pelo país, já que nos anos seguintes houve um aumento substancial da dívida externa, que se tornou um problema, além do crescimento da concentração de renda e desigualdade social. Durante o Milagre Econômico, Médici fez grandes investimentos em áreas como a indústria, a agricultura e a infraestrutura: concedeu incentivos fiscais e subsídios para estimular o investimento privado e o crescimento das empresas; incentivou a produção interna e reduziu a dependência de bens estrangeiros; além do mais, construiu estradas, represas e usinas hidrelétricas, visando melhorar a conectividade e impulsionar o desenvolvimento. É importante observar que apesar dessas mudanças econômicas, o país também enfrentou o recrudescimento da repressão política, com violações dos direitos humanos, censura à imprensa e perseguição a opositores políticos, no que ficou conhecido como “Anos de Chumbo” - expressão refletida no próprio nome do documentário.

Por fim, o objetivo é ressaltar a importância historiográfica da utilização do cinema como produtor de uma memória histórica e como documento histórico, por meio de um levantamento e análise da historiografia sobre cinema, futebol e ditadura no Brasil. Assim, o uso de tal historiografia serve de contraste com o documentário, verificando suas raízes, objetivos e limitações na representação construída acerca da temática, já que algumas posições - que serão expostas - radicalizaram-se e alinharam esporte e ditadura, enquanto outras tiveram a capacidade de perceber as contradições em torno desse processo.

70

Algumas considerações teórico-metodológicas

O objeto de análise trata-se do documentário *Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor*, episódio 4 (Brasil), que se utiliza de entrevistas com historiadores, militares e ex-jogadores, além da pesquisa em documentos dos grandes arquivos nacionais e estaduais para compreender como ocorreu a utilização do futebol enquanto propaganda estatal no período. Para isso, é preciso utilizar-se de apontamentos metodológicos trazidos por autores que trabalham no campo de cinema, cultura e história, como é o caso de Marc Ferro (1992), Roger Chartier (1991), Raymond Williams (2011) e José D’Assunção Barros (2011).

Ao se tratar dos escritos e estudos de Marc Ferro (1992), é válido lembrar seus questionamentos sobre o que há de cinematográfico nas narrativas históricas, ou, o que há de

histórico nas narrativas cinematográficas, além de pontuar o cinema como contra-análise da sociedade, sendo preciso também analisar aquilo que o filme deixa de dizer e não é reproduzido por ele. Segundo o autor:

A leitura cinematográfica da história coloca para o historiador o problema de sua própria leitura do passado. [...] A leitura histórica e social do filme empreendida em 1967 permitiu-nos atingir zonas não visíveis do passado das sociedades, revelando, por exemplo, as autocensuras e os lapsos das sociedades (FERRO, 1992, p. 19)

Assim, o autor sinaliza também que essas percepções do não-dito só são possíveis de se observar por meio das mudanças de paradigmas sociais e históricos que ocorrem com o decorrer do tempo. De acordo com Ferro:

Essa intervenção do cinema se exerce por meio de um certo número de modos de ação que tornam o filme eficaz, operatório. Sem dúvida essa capacidade está ligada, como se verá depois, à sociedade que produz o filme e àquela que o recebe, que o recepciona (...) Um procedimento aparentemente utilizado para exprimir duração, ou ainda uma outra figura (de estilo) transcrevendo um deslocamento no espaço, etc., pode, sem intenção do cineasta, revelar zonas ideológicas e sociais das quais ele não tinha necessariamente consciência, ou que ele acreditava ter rejeitado. (FERRO, 1992, p. 15-16)

Roger Chartier (1991) frisa seus apontamentos acerca do conceito de representação. Para o autor, toda escrita da história é a materialização de uma representação, relacionada com o lugar social, capaz de definir a maneira de enxergar a realidade. Assim, cada historiador elabora a história a partir da sua representação, sempre referenciado em metodologias científicas. Portanto, a representação, apontada por Chartier, se torna um campo de disputa de narrativas:

A relação de representação — entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente, uma valendo pelo outro porque lhe é homóloga - traça toda a teoria do signo do pensamento clássico (...) Por um lado, são essas modalidades variáveis que permitem discriminar diferentes categorias de signos (certos ou prováveis, naturais ou instituídos, aderentes a ou separados daquilo que é representado, etc.) e caracterizar o símbolo por sua diferença com outros signos. Por outro lado, ao identificar as duas condições necessárias para que uma tal relação seja inteligível (ou seja, o conhecimento do signo como signo, no seu desvio em relação à coisa significada, e a existência de convenções regulando a relação do signo com a coisa), a Lógica de Port-Royal propõe os termos de uma questão fundamental: a das possíveis incompreensões da representação, seja por falta de "preparação" do leitor (o que remete às formas e aos modos de inculcação das convenções), seja pelo fato da "extravagância" de uma relação arbitrária entre o signo e o significado (o que levanta a questão das próprias condições de produção das equivalências admitidas e partilhada (CHARTIER, 1981, p. 184-185)

Por sua vez, seguindo o debate com Raymond Williams (2011), o autor propõe o materialismo cultural e a releitura do marxismo vulgar, onde a base e a superestrutura não são elementos fixos e predeterminados, mas sim voláteis que se influenciam mutuamente, quebrando com a ideia da superestrutura que apenas reflete a base, sendo esta última também mais dinâmica

e formada por contradições e variações. Logo, o autor oferece uma alternativa à metáfora base/superestrutura, pensando a cultura como produto e produção de um modo de vida determinado, segundo ainda:

Temos de reavaliar a “superestrutura” em direção a uma gama de práticas culturais relacionadas, afastando-a de um conteúdo refletido, reproduzido ou especificamente dependente. E, fundamentalmente, temos de reavaliar “a base”, afastando-a da noção de uma abstração econômica e tecnológica fixa e aproximando-a das atividades específicas de homens em relações sociais e econômicas reais, atividades que contêm contradições e variações fundamentais e, portanto, encontram-se sempre num estado de processo dinâmico (WILLIAMS, 2011, p. 47)

Por fim, é importante utilizar as concepções de José D’Assunção Barros (2011) a respeito do uso do Cinema como fonte de pesquisa histórica, em que deve-se levar em consideração a análise do próprio audiovisual de seu roteiro, da sinopse, ou, da documentação do filme. Além disso, mostra-se que esses tipos de fonte possuem singularidades e são produzidas em determinado contexto histórico, por isso estão sujeitas às dimensões sociais e culturais do período, explica o autor:

Trata-se, então, de direcionar atenção e método para aspectos casuais, detalhes, indícios, dimensões da realidade fílmica da qual frequentemente não se apercebem mesmo os profissionais envolvidos com sua produção. Cinema e história estão destinados a uma parceria que envolve intermináveis possibilidades a serem exploradas pelos historiadores. O cinema como ‘forma de expressão’ será sempre uma riquíssima fonte para compreender a realidade que o produz e, neste sentido, um campo promissor para a história, aqui considerada área de conhecimento. Como ‘meio de representação’, abre para esta mesma história possibilidades de apresentar de novas maneiras o discurso e o trabalho dos historiadores, para muito além da tradicional modalidade da literatura que se apresenta sob a forma de livro (BARROS, 2011, p. 197-198)

Portanto, pode-se notar que a intrínseca relação entre cinema, cultura e história é percebida por uma ótica multifatorial, sendo possível de ser trabalhada de variadas formas. Além disso, o cinema pode desempenhar um papel crucial na maneira em que se (re)constrói ou se destrói a própria história e cultura, dependendo da representação que se quer retratar, a qual está intrinsicamente ligada ao lugar social, ao contexto histórico e as intenções do autor. Assim sendo, o cinema desafia as percepções históricas, trazendo luz aos aspectos menos conhecidos sobre o passado ou reinterpretando eventos históricos sob uma nova perspectiva.

Memórias do Chumbo: uma análise do documentário

Seguindo a linha metodológica, no primeiro momento, é necessário discutir os aspectos abordados no documentário acerca da temática envolta na relação do governo militar para com o futebol brasileiro, em especial a Copa do Mundo de 1970, suas influências, as propagandas e o futebol como instrumento intencional de um possível controle social, dando ênfase, como mostra o audiovisual, na seleção militarizada, com membros de comissões técnicas ligados ao governo e o atleta ousado dando lugar ao atleta “soldado”. Além disso, é importante ressaltar que a maneira que se dá a construção e a seleção de fatos do documentário é baseada em depoimentos e falas de autoridades e especialistas no tema, mostrando também documentos oficiais que comprovem o que vem sendo dito. Ainda nessa construção da narrativa, o episódio em específico utiliza testemunhos e realiza entrevistas com historiadores, jornalistas, escritores, ex-militares, vítimas e participantes do período em questão, como Carlos Fico (historiador), Carlos Eduardo Sarmiento (historiador), João Viotti Saldanha (filho de João Saldanha), José Bonetti (militar), Eduardo Guarany (sobrinho do Major Guarany), José Trajano (jornalista), Octávio Costa (ex-militar), Cid Benjamin (jornalista), Afonsinho (ex-jogador), José Cláudio Cunha (jornalista), Lilian Celiberti (vítima da operação Condor) e Eduardo Galeano (escritor).

73

Nesse sentido, trazendo apontamentos sobre elementos que circundam a produção do filme - como é recomendado José D’Assunção Barros (2011) -, o cenário do episódio é majoritariamente composto por fotos, imagens, vídeos e músicas do período ditatorial enquanto as personagens, já descritas, narram os fatos; a trilha sonora é composta por músicas como: ‘Pra Frente Brasil’ de Miguel Gustavo, ‘Sou Tricampeão’ da banda Golden Boys e ‘Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores’ de Geraldo Vandré. Portanto, o documentário tem como objetivo, na construção da sua narrativa, a tentativa de resgatar uma memória histórica mostrando como o futebol foi cooptado pela ditadura, transmitindo um sentimento de repulsa contra tudo que ocorreu naquela época e em como a ditadura conseguiu se infiltrar em todos os âmbitos sociais, o que fica claro com a frase de encerramento do episódio:

Os arquivos estão sendo abertos, a memória recuperada, a verdade sendo construída para que nunca mais donos do poder digam que nada tinham a ver com o genocídio de tanta gente. Para que, enfim, seja possível pavimentar a estrada que leva ao nunca. ‘Nunca mais’ (BRASIL, 2012, ep. 4)

Sendo assim, o audiovisual mostra como o cinema pode ser produtor de um discurso histórico e intérprete do passado. Além de que, o documentário se torna uma ferramenta valiosa

para reconstruir a história, não só aquela que ele retrata, mas também a que está implícita pelo seu contexto histórico de produção, contribuindo, pois, para a narrativa histórica, por meio de suas interpretações particulares sobre o passado em questão.

Ao pensar sobre as questões e a forma com que o audiovisual as traz à tona, pode-se perceber que há limitações dentro de seus objetivos, já que o mesmo retrata o futebol apenas como um instrumento alienante. Logo, o documentário deixa de abordar suas formas de resistência, como aparece em outras fontes historiográficas, que apontam os meios e os agentes

de resistência do futebol durante a ditadura, a exemplo da Democracia Corinthiana³⁰, e as contribuições dos jogadores Tostão, Afonsinho e Reinaldo.

Para compreender o motivo dessas limitações - como já foi apontado por Roger Chartier (1981) -, é necessário abordar o contexto histórico da produção do documentário em 2012. Esse período foi marcado pela criação da Lei de Acesso à Informações Públicas, que garante ao cidadão o acesso às informações produzidas ou custodiadas pelo Estado, e, sobretudo, da Lei de criação da Comissão Nacional da Verdade, destinada a investigar as graves violações dos direitos humanos ocorridas entre os anos de 1940 a 1980. Nessa toada, o contexto exigia maior atenção aos novos documentos estatais que estavam sendo abertos e divulgados, os quais reforçam a lógica de que houve uma intervenção autoritária e repressora estatal sobre o futebol. Todavia, ao vencer com *Memórias do Chumbo* o prêmio de melhor Documentário Longa-Metragem no IV CINEFoot em 2013 que aconteceu no Rio de Janeiro - Brasil, o próprio Lúcio de Castro, produtor da minissérie, enquadrou sua obra nesse contexto histórico, considerando como, “[...] grande mérito [...] contar essa história, registrar essa memória, sobretudo em um momento de Comissão da Verdade. É

³⁰ A Democracia Corinthiana foi um movimento no futebol brasileiro que ocorreu no Sport Club Corinthians Paulista durante a década de 1980. Foi uma experiência de autogestão e participação dos jogadores nas decisões do clube, que transcendia o ambiente esportivo e refletia o contexto político-social da época no Brasil, a ditadura militar. O movimento foi liderado por jogadores como Sócrates, Wladimir, Casagrande e Zenon, e promoveu uma série de mudanças estruturais dentro do clube. Em seu caráter político, os jogadores da Democracia se posicionavam publicamente em questões sociais e políticas, como o movimento pelas eleições diretas para presidente (Diretas Já) e a luta pela redemocratização do país. Veja-se a respeito: PORTAL MUSEU DO FUTEBOL. A Democracia Corinthiana. [s.d]. Disponível em:< <https://app.museudofutebol.org.br/corinthians/c/0/i/16832154/democracia-corinthiana>>. Acesso em: 16 maio 2024.

importante contarmos isso para que ela não se repita adiante” (ASSESSORIA DE IMPRENSA CINEFOOT, 2013).

Em vista disso, é possível dizer que a ênfase do documentário na intervenção autoritária e repressora estatal sobre o futebol teria a intenção de corroborar com as iniciativas governamentais, sobretudo aquelas relacionadas à abertura de arquivos estatais sigilosos, buscando problematizar a “história oficial” a partir das vozes silenciadas ou dos esquecimentos e manipulações criados e incentivados pelo Estado ditatorial dos anos 1960 a 1980. Além disso, não se pode desconsiderar que *Memórias do Chumbo* faz parte de uma trajetória já consagrada de Lúcio de Castro, jornalista investigativo preocupado com temas relacionados à justiça social que, em 2003, participou da reportagem da série *Nos porões do futebol*, a qual retrata os problemas de gestão do futebol brasileiro, e em 2006, ajudou a construir a reportagem da série *Escravos do século XXI*, que conta a história de imigrantes bolivianos no Brasil em sistema análogo ao da escravidão.

Ademais, as limitações apontadas são perceptíveis para o contexto atual (2023), no qual sente-se a necessidade de ressaltar os espaços de resistências, pois pautas sociais e políticas se tornam cada vez mais presentes dentro do futebol como a luta contra racismo, machismo, LGBTfobia e com as torcidas organizadas mais politizadas, se posicionando frente às questões políticas e de cunho sociais. Portanto, compreendendo esse fenômeno, ganha luz as considerações feitas por Marc Ferro (1992): quando há mudança de paradigmas, mudam-se também as percepções e abordagens dos fatos; e como também aponta Roger Chartier (1981): é o presente quem norteia e indaga o passado, criando, então, uma representação sobre esse tempo histórico transcorrido. Dessa forma, movimentos de resistência contra o racismo dentro do futebol, como no caso recente do jogador Vinicius Jr.³¹ (atleta brasileiro que defende a seleção do país, e o clube Real Madrid-ESP), ou então pautas contra o machismo, como o caso da jogadora Jenni Hermoso³² (atleta espanhola que defende a seleção do país, e o clube Tigres-MEX), se tornam grandes norteadores para novas formas de se olhar e indagar o passado: a necessidade de se trazer à tona também as lutas de resistência contra o regime ditatorial de 1964 dentro das quatro linhas.

³¹ Ver reportagem disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/24/racismo-contra-vinicius-junior-veja-tudo-sobre-o-caso.ghtml>. Acesso em: 25 out 2023.

³² Ver reportagem disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/08/25/jogadora-de-futebol-da-espanha-diz-que-presidente-da-federacao-a-beijo-sem-consentimento.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2023.

Revisão da literatura especializada

Tratando-se da historiografia especializada concernente a temática, o livro nomeado *Futebol objeto das ciências humanas* e organizado por Flavio de Campos e Daniela Alfonsi (2014), versa sobre a produção historiográfica no Brasil sobre o futebol, trazendo seus primeiros estudos no campo como o livro de Mário Filho (1947), intitulado *O negro no futebol brasileiro*, passando pelos altos e baixos desse tipo de produção, a qual decaiu significativamente durante o período da ditadura militar devido ao desprezo acadêmico com o uso do futebol pelo regime, gerando alienação e ufanismo. Nesse sentido, as produções acadêmicas sobre o futebol e as ciências humanas só puderam ganhar espaço nas décadas de 1980 e 1990 com a redemocratização³³. Por isso, o livro destacado, se tornou uma expressão do desenvolvimento da pesquisa no campo, abordando diferentes temáticas, como: Identidades e alteridades; Negritude e cultura afro-brasileira; Crônicas e literatura; Futebol, cinema e música; Torcedores e torcidas.

76

Para o debate ser travado de acordo com a temática proposta, se torna valoroso uma análise profunda do Capítulo I: “O Espetáculo das Identidades e Alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro” desenvolvido por Arlei Sander Damo (2014), no qual o autor se propõe a desenvolver uma análise para a compreensão da dinâmica cultural, buscando o entendimento das motivações dos torcedores e da sedução provocada pelo futebol, fato esse que, em relação a temática discutida, auxiliou a tomada desse elemento nacional pelos governos militares como forma de propaganda e aproximação com as massas. Nesse sentido, por meio de seu estudo, Damo percebeu que as questões de luta em torno da afirmação e reivindicação de identidade por meio dos torcedores não estão ligadas somente a um caráter estético, mas também envolvem o caráter político, fazendo-se observar o jogo de identidades travado muito além do campo. As questões de identificação e representação que permeiam os componentes políticos no futebol, extrapolando a questão dos resultados das partidas em campo, tornam-se evidentes, quando, por exemplo, as várias seleções de nacionalidades diferentes, que emanam sentimentos de “patriotismo” ou “nacionalismo” - termos

³³ A redemocratização refere-se ao processo histórico pelo qual o Brasil retornou à democracia após o período da ditadura militar que durou de 1964 a 1985. Esse período de transição foi complexo e desafiador, mas também foi um momento de esperança e renovação, que trouxe consigo a restauração das liberdades democráticas. Veja-se a respeito: SILVA (2003).

considerados pelo autor -, passam a reproduzir as aspirações de suas respectivas comunidades de sentimento, como a nação/pátria, tomadas por um contexto político. Essa assertiva deixa claro como isso aconteceu durante os períodos de maior archoamento do controle militar da nação, refletindo também em uma seleção nacional mais militarizada, ou quando, o período de redemocratização se aproximava e os protestos em campo contra o regime ditatorial eram evidentes pelos torcedores e jogadores - informações que serão retratadas com maior detalhamento nas próximas historiografias a serem analisadas. Portanto, é nítida a relação entre o contexto político, o sistema de identificação e representação, e a expressão da cultura como o futebol, fazendo com que essa ligação seja considerada para o debate.

Por sua vez, trazendo maior contraste com o documentário, a tese de Hugo Leonardo Silva dos Santos (2015), *Ditadura militar e futebol: A origem do esporte e sua utilização como ferramenta para legitimar os governos autoritários no Brasil*, mostra a percepção que os governos militares tiveram sobre como as manifestações de lazer, exemplo o futebol, poderiam servir de propaganda política e ideológica, além de trazer as contestações ao regime dentro de campo. Nessa linha, as exposições da seleção para a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, foram intensas, fazendo com que a seleção passasse por regiões onde até mesmo não possuíam uma cultura forte em relação ao futebol, para que, assim, o governo também conseguisse apoio político nesses locais mais isolados. Mas, após a eliminação nessa mesma Copa do Mundo, as únicas manifestações presentes no país eram as de contestação ao regime. Por isso, numa tentativa de evitar um novo vexame nas próximas competições, a entidade que gerenciava o futebol brasileiro passou a receber militares para os seus cargos, a fim de disciplinar os jogadores, e a mudança interna se tornou visível nos cortes de cabelo: cabelos bem aparados e barbas feitas, em claro estilo militar.

Esse controle dos militares na seleção ficou evidente nas preparações para a Copa do Mundo de 1970, quando, faltando três meses para o início da competição, o técnico que havia sido escolhido para comandar a seleção, João Saldanha - o qual tinha montado um excelente time nas eliminatórias, conquistando grandes resultados - foi exonerado. O líder Saldanha era conhecidamente militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), o que provocava desconforto nos setores militares que não queriam que um comunista assumisse a seleção brasileira, a qual representava os interesses militares. Em seu lugar, o regime nomeou a entrada de Mário Jorge Lobo Zagallo como técnico. Ao governo era fundamental que a seleção conquistasse o título, pois a ditadura tinha a certeza de que a Copa do

Mundo no México traria legitimidade ao seu poder diante da sociedade brasileira. E assim a seleção foi tri-campeã em 1970, o que ajudou a aumentar a popularidade de Médici e proclamar o Milagre Econômico.

Nesse sentido, a criação de um campeonato nacional de futebol em 1971, que foi financiado pelo Ministério da Cultura - que arcava com os custos das viagens e estadias como forma de viabilizar a competição - também teve sua importância para o governo. O regime convidava até mesmo clubes sem tradição para participarem do Campeonato Brasileiro - originalmente denominado [Campeonato Nacional de Clubes](#) -, pois onde o partido ligado ao regime, o ARENA, contava com péssimos resultados das eleições, os militares convidavam um time dessas regiões a ingressarem no campeonato, o que causou o inchaço da competição a partir de 1974. “[...] “Onde a Arena vai mal, um time no nacional”, o lema tomou conta do Campeonato Brasileiro a partir de 1974, quando a derrota da Arena nas eleições fez com que o governo Geisel iniciasse uma prática clientelista através do futebol” (SANTOS, 2015, p. 61).

A seleção na Copa do Mundo de 1974, realizada na Alemanha Ocidental, se tornou um reflexo do próprio país problemático: não mostrava o mesmo futebol de 70, e continuava militarizada, sendo pouco organizada e entrosada, terminando a competição em 4º lugar e com apenas 6 gols marcados. Dessa forma, as contestações - ponto chave da tese que se contrapõe à minissérie - apareciam dentro e fora de campo. Uma das primeiras mostras de críticas ao regime foi do jogador Afonsinho, do Botafogo, o qual lutava pelos direitos dos jogadores e condenava a estrutura militarizada e hierarquizada dos clubes. Além disso, o mesmo recebia apontamentos negativos devido a barba e cabelos compridos, portanto, por opção de questionar as diretrizes do seu clube, fez com que a ditadura passasse a perseguí-lo, sendo fichado no Serviço Nacional de Informações (SNI), como subversivo e comunista, ou seja, questionar o sistema futebolístico de época era bater de frente com os militares. Na mesma linha de militância política aparece o jogador Reinaldo, do Clube Atlético Mineiro, o qual tinha o costume de erguer o punho direito, fazendo alusão ao movimento dos Panteras Negras americanos, que lutavam por democracia e contra o regime segregacionista nos Estados Unidos. Por esses motivos, já posteriormente, os militares se tornaram contra a sua participação na Copa do Mundo de 1978 na Argentina, mas o apelo nacional foi mais forte e Reinaldo foi convocado. O jogador sempre procurava exteriorizar suas posições políticas: defendia a anistia aos exilados políticos, o voto direto e o fim da ditadura no país. Segundo o autor:

[...] uma de suas entrevistas concedidas ao semanário alternativo Movimento, veículo ligado a grupos de esquerda do país, causou um grande mal estar nos bastidores da seleção. A matéria buscava diferenciar o centroavante atleticano do maior ídolo do futebol brasileiro, Pelé, considerado pela imprensa alternativa como um ‘fantoche dos militares’ (COUTO, 2010, p. 14, apud SANTOS, 2015).

Por isso, a situação chegava ao limite, e o futebol não conseguia mais servir de reforço ao poder militar. Ao contrário, ele estava antecipando as fragilidades da ditadura, ou seja, era o reflexo da crise política que se manifestara nos estádios, através das torcidas dos clubes e dos jogadores conscientes politicamente. No Corinthians, um movimento liderado por Casagrande, Wladimir e Sócrates³⁴, se tornava expressivo: a Democracia Corinthiana, onde os jogadores eram convidados a participar de decisões do clube alvinegro que até então eram monopolizadas. Assim, o time do Corinthians entrava em campo com camisas incentivando o voto nas eleições legislativas. “Este contexto organizado no início da década de 1980 dentro de um clube popular foi, em momento crucial na história do país, um fato marcante, uma vez que os jogadores entravam em campo com faixas, cartazes e dizeres na camisa do time como: "diretas já", "eu quero votar para presidente" [...]” (SILVA, 2011, p. 45, apud SANTOS, 2015). Já se tratando das manifestações nas arquibancadas, episódios pedindo a volta da democracia eram comuns. Em 1979, a partida entre Santos e Corinthians pela sétima rodada do Paulistão daquele ano ficou marcada por ter presente uma faixa pedindo "anistia ampla, geral e irrestrita", e, em 1984, na final do Campeonato Brasileiro entre Fluminense e Vasco, o hino nacional não pôde ser ouvido devido ao coro feito pelas duas torcidas pedindo as eleições diretas. 79

O clima da democracia ficou explícito e se refletia na seleção brasileira quando, na Copa do Mundo de 1982, realizada na Espanha, o comando técnico voltava a ser de um civil, Telê Santana. Dentro da respectiva seleção, o líder da democracia corintiana, Sócrates, também ostentava a faixa de capitão da equipe brasileira. Portanto, nesse contexto, o futebol abria os caminhos da transição política para a democracia e incentivava o povo a ir às ruas protestar, tendo como inspiração a possibilidade concreta de mudanças para a população, o que não tardou para que as vontades populares se tornassem realidade: a redemocratização estava próxima.

³⁴ Nesse período, Sócrates, que lutava pela Democracia Corinthiana e pelas “Diretas Já!”, formalizou que ficaria no futebol brasileiro, recusando assim a proposta do futebol italiano, caso houvesse grande manifestação do povo e a aprovação do projeto de lei que permitisse o voto direto para presidente do Brasil. No entanto, a emenda não foi aprovada pelo Congresso Nacional e Sócrates partiu para a Itália para jogar pela Fiorentina em 1984. Veja-se a respeito: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/socrates-biografia-exalta-atuacao-politica-do-idolo-da-democracia-corintiana-morto-ha-10-anos.html> Acesso em: 16 maio 2024.

Ainda no campo historiográfico, para gerar discussões com o documentário e trazer também apontamentos sobre novas consequências para a estrutura do futebol brasileiro, o artigo *A Interferência dos Governos Militares (1964-1985) no Futebol Brasileiro*, produzido por Karoline Soria Ribeiro e Marco Antonio Bettine de Almeida (2014), exhibe os novos acontecimentos no final da década de 70, que não são abordados no audiovisual: os crescentes descontentamentos com o governo e as exigências para maior autonomia dos atletas e das entidades esportivas frente a submissão ao Estado. Sendo assim, a insatisfação quanto ao regime e as reivindicações pela volta da democracia eram tão expressivos, que manifestações públicas de jogadores também começaram a ser comuns “[...] o mundo do futebol também entrou no clima de contestação: o jogador Tostão deu entrevistas defendendo a Reforma Agrária e confessando ter sido eleitor do então exilado Leonel Brizola” (RIBEIRO; ALMEIDA, 2014, p.10). Nesse contexto, os autores consideram que essas novas reivindicações marcavam o fim da ditadura e um novo modelo de futebol a ser estruturado: a desmoralização dos militares em termos econômicos por terem conduzido o Brasil para a entrada em uma das mais fortes recessões, influenciaram fortemente nas mudanças da estrutura do futebol, com o início das publicidades em campo em 1977 e nos uniforme dos times em 1983, sendo uma alternativa de solucionar a crise financeira dos clubes, portanto, reflexo do cenário brasileiro desastroso.

80

Considerações finais

Em conclusão, percebe-se que o *Memórias do Chumbo* utilizou, essencialmente, do futebol como uma aquisição que deu lugar a um plano específico do Estado para difundir ideologicamente em apoio ao governo autoritário. Para isso, o material audiovisual examinado demonstra, em suas cenas, que o avanço do futebol no Brasil, durante o período de governo militar, teve como intuito preencher o tempo livre dos cidadãos e comunicar uma falsa imparcialidade à sociedade, além de apresentar o futebol como um dos meios de validação do regime, por meio da ligação da imagem do líder aos triunfos no cenário esportivo. Esse fato ocorreu, sobretudo, na Copa do Mundo de 1970 (México), na qual o Governo Médici aproveitou politicamente o sucesso da equipe nacional no torneio deste ano. Assim, o discurso nacionalista do governo, alinhado a Operação Condor, aproveitou para propagandear a narrativa de que o Brasil estava na era das conquistas: uma verdadeira falácia, afinal o país estava desolado e sofrendo as repressões impostas pelo regime ditatorial.

Já a historiografia especializada, por meio de análises e apontamentos já postos por Raymond Williams (2011) - onde elementos da superestrutura, como a cultura e o futebol, também podem influenciar e transformar as realidades materiais -, os autores dissertam, então, sobre o outro caráter do futebol: os mecanismos de resistências contra o regime. Assim, o esporte acabava por ter uma característica contraditória, já que foi utilizado como ferramenta das classes dominantes, mas também como espaço para criar uma consciência de classe popular, por meio de lutas e manifestações por parte de jogadores e pelas torcidas. Portanto, o esporte foi empregado no sentido da reprodução e no de superação das relações ditatoriais, tendo sido também permeado pela contradição entre “capital x trabalho”, a qual reverbera sobre todas as dimensões da vida, inclusive culturalmente. É dessa maneira que futebol, cinema e ditadura estiveram ligados durante o regime civil-militar brasileiro (1964-1985), tanto como propaganda política quanto como uma crítica ao regime, se tornando fenômenos culturais que se encontram na paixão e no imaginário do povo brasileiro.

Referências

81

ALMEIDA, M. A. B.; RIBEIRO, K. S. **A interferência dos governos militares (1964- 1985)** no futebol brasileiro. São Paulo: Universidade de São Paulo, Licere, Belo Horizonte, v.17, n.1, mar/2014.

ASSESSORIA DE IMPRENSA CINEFOOT 2013. **Memórias de Chumbo e Três no Tri são os vencedores do CINEfoot 2013**. Papo de Cinema. 2013. Disponível em <<http://www.papodecinema.com.br/noticias/memorias-dechumbo-e-tres-no-tri-sao-os-vencedores-do-cinefoot-2013>>. Acesso em 28 mai. 2023.

BARROS, José D'Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. **Comunicação & Sociedade**. Ano 32, n. 55, p. 175- 202, jan./jun. 2011.

BRASIL (ep. 4). **Memórias do Chumbo: o futebol nos tempos do Condor** [Série Documentário]. Direção: Lúcio de Castro. Produção: Lúcio de Castro. ESPN Brasil, 2012 (52 min.), son., color.

CAMPOS, F.; ALFONSI, D. **Futebol objeto das Ciências Humanas**. 1ª ed. São Paulo: Leya, 2014.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n.11, abr. 1991, p. 173-191.

COUTO, Euclides. **Da ditadura à ditadura:** uma história política do futebol brasileiro (1930-1978). Niterói: Editora da UFF, 2014.

FERRO, Marc. O filme: uma contra-análise da sociedade? In: FERRO, Marc. **História e Cinema.** Trad. Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 79-116

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao som e à sombra.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2004.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil:** uma história da maior expressão popular do país. São Paulo, Contexto, 2009.

HERMANN, Jennifer. **Reformas, endividamento externo e o “milagre” econômico.** Economia brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Elsevier, Editora Campus, 2005.

LAGE, Marcus Vinícius Costa. Memórias do chumbo: o futebol nos tempos do Condor (2012) – documento histórico ou panfleto político?. In: DELLAMORE, Carolina; AMATO, Gabriel; BATISTA, Natalia(orgs.). **A ditadura na tela:** o cinema documentário e as memórias do regime militar brasileiro. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018, p. 159-180.

LIRA NETO, J. F. O Conceito Marxiano de "ópio do povo" e a perspectiva brasileira de futebol. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** - v. 11, n. 2, 2012 p. 26 - 37. 82

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Futebol e poder no Brasil: futebol em tempos de ditadura civil-militar. In: MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Histórias do futebol.** São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010. Cap. 3. p. 65-72.

SANTOS. H. L. S. **Ditadura militar e futebol: A origem do esporte e sua utilização como ferramenta para legitimar os governos autoritários no Brasil.** Rio de Janeiro, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SILVA, Fernando Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.) **O tempo da ditadura:** regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo.** São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 43-68.

Primeiros Passos

Recebido em: 29 out. 2023.

Aprovado em: 21 dez. 2023